

RUMO AO AZUL

UMA HISTÓRIA
DE AMOR

EMMA BRODIE

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



Para o Kevin...
Temba, de braços abertos

NOVA IORQUE

Outubro de 2013

Dez minutos antes do ensaio geral, AJ Graves estava sentada sozinha no auditório do Teatro Hayes, a observar as luzes do palco a acenderem-se. Tinha a cabeça cheia de tiquetaques. *Dez minutos*. Mais um ensaio, só eles. Depois, as portas abrir-se-iam e *tiquetaque, tiquetaque, tiquetaque*.

O que faria ela?

Com um tilintar mecânico, o palco ficou dourado, e Noah Drew entrou a passos largos, carregando uma cadeira para o cenário. AJ remexeu-se quando a figura musculada, com um metro e noventa, atravessou o centro do palco; ele tinha uma presença tão imponente, mesmo quando não se esforçava por isso. Deteve-se em cima de uma cruz marcada no chão com fita adesiva, com o seu cabelo preto despenteado a ganhar textura sob a luz. Ele experimentou a cadeira virada para um lado, depois para o outro, com uma expressão tão familiar que AJ sentiu uma dor no peito.

Dela. Ele era dela até ao fim do espetáculo. Era isso que tinham combinado.

O olhar de Noah ergueu-se ao sentir a presença dela. Ele fez um gesto na direção da cadeira.

— Alguma ideia? — A voz grave de Noah ecoou sem esforço pelas filas vermelhas recortadas do teatro.

— Que diferença faz? — perguntou AJ. Metade do espetáculo era improvisado; o papel da cadeira mudava todas as noites. Mas no dia seguinte seria a estreia de Noah como encenador: até a cadeira tinha de ser tida em conta.

Ele virou-lhe as costas largas.

— *Desta* maneira, reconhecemos a quarta parede. *Desta* maneira, não.

AJ sorriu ao levantar-se.

— Como quiseres. Quem manda és tu.

Noah murmurou algo que soou distintamente a *O meu túmulo será o meu leito nupcial* e voltou a prestar atenção ao adereço. Enquanto AJ o observava nas suas lides, sentiu um aperto perto do esterno e percebeu: isto dizia respeito a ambos. Cada pequeno ajuste atrasava o início do espetáculo. E o seu fim.

Lentamente, AJ percorreu o corredor central. Noah virou-se para ela, com um ar severo.

— Fala outra vez, anjo resplandecente — provocou ela.

O lábio dele tremeu enquanto tentava sustentar a irritação. Depois sorriu, com um olhar avaliador. As faces de AJ aqueceram.

— Vem cá — disse ele.

Ela aproximou-se do palco e ele ajoelhou-se diante dela, afastando-lhe da vista as madeixas louro-arruivadas com as mãos enormes. Depois, retirou-lhe uma folha perdida do cabelo.

Maldita folhagem.

— Isso... era estiloso — resmungou AJ.

— Isso era... lixo — retorquiu Noah. Ele examinou a folha amarelada e, em seguida, enfiou-a no bolso como se não fosse nada, como se fosse óbvio que ele ia tratar daquela folha rasca que estava no cabelo dela, que era a função dele na vida, e agora AJ mal conseguia respirar.

Ela lera uma vez que apaixonar-se era como ser uma celebridade para uma só pessoa. A ironia era que Noah era, de facto, famoso. Loucamente, obscenamente famoso e adorado. Vencedor de um Óscar. O *último Drew*. O Homem Mais Sexy do Mundo, segundo a *People*, em 2012.

Mas, apesar disso, apesar de *tudo*, ali estava ele, a limpá-la como se ela lhe pertencesse.

A garganta de AJ apertou-se.

— Talvez ainda a queira. — A piada não surtiu o efeito desejado. Ela já não estava a falar da folha.

Noah franziu o sobrolho ao perceber o que ela queria dizer.

— Está morta — disse ele baixinho, passando o polegar pela maçã do rosto dela. AJ inclinou-se para o toque dele, fitando os seus belos olhos escuros.

— Não, não está — sussurrou ela. *Ainda não*.

— Cinco minutos, vocês os dois — gritou o diretor de cena, Jerry, das laterais.

Por breves instantes, nenhum dos dois se mexeu. Andavam a suspender o tempo há várias semanas, a representarem vidas inteiras neste palco. Mas assim que as portas se abrissem, o relógio recomençaria a contar. Não haveria volta a dar. *Vamos continuar a representar*, implorou AJ silenciosamente. *Vamos continuar a representar para sempre.*

— Age — sussurrou ele, e ela vislumbrou uma batalha nos seus olhos. Ele estava com dúvidas. O coração de AJ deu um salto.

Depois, ele baixou a mão, com o olhar a perder-se no vazio. AJ conhecia aquele olhar. Sabia o que significava.

Doze apresentações, e depois Noah ir-se-ia embora.

Tiquetaque, tiquetaque, tiquetaque.

Ele observou-a agora, reservado.

— Vamos fazer isto? — Ele não tinha mudado de ideias, AJ compreendeu. Mas ele não conseguia esconder-se dela, nem esconder a sua dor ou o seu arrependimento. Tal como ela, também ele não queria isto.

AJ não se esquivou a olhá-lo nos olhos.

Doze apresentações. Doze resultados possíveis.

«Representem até atingirem os limites da existência», dissera-lhes Eudora, quando tudo começou.

E, sem mais nem menos, AJ soube o que tinha de fazer.

— Sim — disse ela, depositando a mão na dele e permitindo que ele a puxasse para o palco.

Ela ia salvá-los.

Ia salvá-lo.

PARTE I

Aulas de Representação

Quem? O quê? Onde? Quando fazemos estas perguntas, não estamos apenas a iniciar uma cena; estamos a anunciar a nossa intenção de brincar com a Consciência Cósmica.

Riso & Morte, de EZELL FARR

GLADSTONE, MASSACHUSETTS

Junho de 2000

AJ Graves rebobinou o vídeo e carregou no *play*.

Naquela manhã, estava a fazer *multitasking* na Reel World Video: a ver a série *Astronauticals* no televisor prateado *Panasonic* da loja enquanto escrevia *fanfiction* dos *Astronauticals* atrás da caixa registadora.

Ou, pelo menos, estava a tentar. Tinha partido o braço no mês anterior, durante as finais de atletismo — mesmo a tempo do baile de finalistas do 11.º ano. Cada toque no teclado era um tormento, mas AJ continuava a escrever. Tudo pelos seus doze seguidores.

A possibilidade de fazer *multitasking* era uma das muitas razões pelas quais AJ adorava os seus turnos na Reel World. Com quatro irmãos em casa, AJ mal tinha espaço para pensar, quanto mais para escrever. Em contrapartida, uma tarde solitária entre os cartazes *vintage* e o inventário eclético da Reel World era como se tivesse sido teletransportada da sombria Gladstone para Nova Iorque — ou o que ela conhecia de Nova Iorque através das séries *Friends* e *Felicity* e do *Saturday Night Live*.

Esse era o sonho de AJ — mudar-se para a cidade e escrever para o *SNL*. Era também por isso que via e revia *Astronauticals*, a série de culto de 1964 sobre piratas *hippies* que viajavam pelas estrelas no dorso de uma baleia espacial gigante. O programa era totalmente improvisado, o que, segundo Storm, a proprietária da Reel World e Yoda cinematográfica, o tornava um clássico para qualquer aspirante a comediante.

E era hilariante. Como fã dedicada, ou *nautical*, como eram chamados, AJ sabia todas as falas de cor.

Quando o décimo episódio da primeira temporada, «O Espelho de Janus», começou a dar, ela olhou para o gesso que lhe imobilizava o braço direito. A tinta das assinaturas dos colegas da equipa de atletismo

infiltrara-se na fibra de vidro, formando um padrão *tie-dye* que parecia culpa do sobrevivente. AJ sentiu uma pontada de desânimo; Nova Iorque nunca lhe parecera tão distante.

Sendo francamente honesta, o seu braço estúpido arruinara-lhe a vida.

AJ tinha o futuro planeado ao pormenor: um verão passado a estagiar no *The Berkshire Eagle* e a frequentar estágios de futebol, intensivos e muito procurados por olheiros, teria preparado na perfeição o seu último ano do ensino secundário e as candidaturas à universidade. Com sorte, conseguiria uma bolsa integral para a NYU.

Mas o seu acidente destruía tudo isso.

Não poder conduzir significava não poder fazer o estágio no *The Berkshire Eagle*. Não poder praticar atividades físicas vigorosas significava não poder frequentar os estágios intensivos de futebol. Sem referências, sem olheiros. Sem bolsa de estudo. Sem saída.

— Calma — dissera-lhe a mãe. — Continuas a ter a admissão garantida na UMass.

Toda a família de AJ tinha frequentado a UMass. A mãe, o pai. Os irmãos Patrick e Libby adoravam a universidade. Ambos eram populares. Ambos estavam a caminho de se formarem, regressarem a Gladstone, transformarem-se nos pais e morrerem.

Agora, aos 17 anos, AJ sentia-se presa — como se o resto da sua vida tivesse sido escrito num guião, e ela *odiava* aquele filme. As horas que passava sozinha na Reel World eram a sua única fuga.

A divisória ondulou, uma cortina de contas que representava o Olho Que Tudo Vê, e Storm surgiu da sala das traseiras. Uma mulher trans esbelta na casa dos 40 anos, tinha cabelo comprido cor de vinho e unhas a condizer.

— Age, que bom. Estás aqui — disse ela. — Quero apresentar-te uma pessoa.

— Ah, sim? — disse AJ, servindo-se de um punhado de *Reese's Puffs*, os seus preferidos.

Storm tamborilou com as unhas acrílicas no balcão.

— Contratei mais uma pessoa para ajudar.

AJ ficou paralisada.

— Diz-me que não fizeste isso.

— Contra-argumento: fiz — disse Storm, fitando o gesso de AJ. AJ franziu o sobrolho.

— Não tenho direito a uma palavra sobre o assunto?

Storm sorriu docemente.

— Não. Noah...

Uma sombra surgiu por detrás do Olho Que Tudo Vê, e o coração de AJ caiu-lhe aos pés. Storm nunca deixava os clientes entrarem nas traseiras, nem sequer para usarem a casa de banho.

Ela tinha mesmo decidido contratar esta pessoa.

Uma mão grande afastou as contas enquanto um jovem extremamente alto entrava. Estava vestido de preto da cabeça aos pés, com cabelo preto como breu que lhe caía despenteado sobre os ombros largos e sobrancelhas pretas franzidas; toda a sua *vibe* apontava para vilão. Exceto os olhos — escuros, expressivos e surpreendentemente encantadores para alguém tão intimidante.

Quando aqueles olhos se voltaram para o televisor *Panasonic*, o tempo abrandou. AJ viu o sobrolho carregado do estranho aprofundar-se e soube imediatamente que ele só podia ser Noah Drew.

Até o mais pequeno lugarejo ao longo do troço da Massachusetts Turnpike que AJ percorria para chegar a casa tinha ligações a alguma figura histórica de renome. Great Barrington tinha W. E. B. Du Bois. Lenox tinha Edith Wharton.

Gladstone tinha os Drews.

Era uma família de grandes atores, cada geração mais famosa do que a anterior, começando por Sir Errol Drew, que granjeara a fama nos palcos britânicos e americanos na década de 1880, até ao pai de Noah, Daniel Drew, uma grande estrela de filmes de ação na década de 1980.

Os Drews eram omnipresentes. Na verdade, uma muito jovem Eudora Drew estava, naquele preciso instante, a dar tudo por tudo no *Panasonic* no papel de Glimmette, a piloto que usava botas go-go e dava uma coça a toda a gente em *Astronauticals*.

Na verdade, AJ estava a escrever *fanfiction* sobre Glimmette.

— AJ — disse Storm. — Este é o Noah.

— Olá — disse AJ, minimizando rapidamente o *browser*.

O olhar de Noah deslizou do ecrã *Panasonic* para AJ. Os olhos dele arregalaram-se.

— Eu... Tu.

Storm inclinou a cabeça.

— Vocês os dois conhecem-se?

Garantidamente não se conheciam.

— Provavelmente devo parecer-te familiar — explicou AJ, quando Noah continuou a olhar fixamente para ela. — Estarias na turma do meu irmão mais velho, o Pat?

AJ estava apenas a ser educada. Sabia, com toda a certeza, que ele era da turma de Pat, quatro anos à frente dela. Segundo as histórias que circulavam na cidade, Noah tinha sido criado pela mãe, uma professora universitária, que o tinha mandado embora no último ano do secundário, após um incidente que envolvera fogo posto. Pelo que AJ soube, ele alistara-se nas Forças Armadas.

O que estaria ele a fazer de volta a Gladstone?

— Não é isso — disse Noah. Ele estava a fitar AJ com uma intensidade que a fazia sentir-se pequena, o que era invulgar, tendo em conta que media quase um metro e setenta e cinco. De repente, AJ tomou dolorosa consciência dos seus calções de ganga coçados, da camisola de basquetebol herdada e do coque desalinhado em que prendera o seu cabelo louro-arruivado.

Enquanto se avaliavam mutuamente, AJ sentiu uma estranha faceta indomável do seu ser a despertar.

Noah era tão grande que fazia as caixas dos DVD parecerem cartões de basebol. O rosto dele era anguloso, pálido e demasiado cansado para alguém apenas alguns anos mais velho. Parecia que se tinha esquecido de como sorrir.

Mesmo assim, era invulgarmente bonito. Quando voltou o olhar para o *Panasonic*, AJ observou o nariz aquilino e as maçãs do rosto salientes. Ele fitava a tia no ecrã, com uma expressão indecifrável.

AJ suspirou.

— Tínhamos planeado toda uma exposição de boas-vindas para te receber com a temática dos Drews, mas isto foi o melhor que conseguimos fazer em tão pouco tempo.

Noah não se riu. A sua atenção deslocou-se para o computador da loja.

— O que é aquilo?

AJ olhou para o ecrã e percebeu, para seu total horror, que a sua *fanfiction* não tinha sido fechada.

Foda-se, foda-se, *foda-se*.

— *Manual para os Recém-Falecidos* — deixou AJ escapar. As faces ardiam-lhe, mas manteve o olhar cravado no dele.

Noah pestanejou.

— *Tu* és a irmã do Patrick Graves? — perguntou, arrastando as palavras, e AJ sentiu um gancho invisível fisgá-la pelas costelas. Ele estava a chamá-la estranha. Estranha demais para ser a irmã de Pat. O que... talvez fosse verdade.

Mas quem era ele para julgar?

— *Tu* és o sobrinho da Glimmette? — retorquiu ela.

Noah lançou-lhe um olhar fulminante. AJ retribuiu-lhe na mesma moeda.

— Boa, isto correu bem — disse Storm. — Anda lá, Noah. Está na altura de aprenderes como são feitas as devoluções.

Por breves instantes, Noah continuou a observá-la. Depois, acenou a Storm e retirou-se através do Olho Que Tudo Vê.

— Acho que isto não vai resultar — disse AJ.

— Porta-te bem — disse Storm, e seguiu Noah com um ar de quem sabe de coisas que AJ não conseguia compreender.

*

O pai de AJ estava a ter uma daquelas noites tranquilas, o que nunca era bom sinal. AJ contou quatro latas vazias de *Bud* no caixote do lixo antes de levar a saladeira para a mesa de jantar. A tensão nos ombros largos de Patrick indicava-lhe que ele tinha feito o mesmo.

— Isso é molho *cocktail*? — perguntou ele, pegando na saladeira e lançando a AJ uma piscadela tranquilizadora enquanto ela se enfiava entre ele e Mike, o irmão mais novo.

— Estou a ver que percebes disto — disse AJ, aliviada. Ter Patrick e, admitindo a contragosto, Libby, em casa durante o verão era como ter um baralho de cartas completo.

Patrick era o Rei de Ouros. Embora ele e AJ partilhassem a altura e o cabelo louro-arruivado do pai, em Patrick, com os seus 21 anos, isso

parecia de alguma forma divino. Dourado. Era base nos Minutemen, mas sempre fora uma estrela. No secundário, tinha sido delegado de turma e um dos três capitães da equipa. Toda a gente adorava Pat.

Do outro lado da mesa estava sentada Libby, a Rainha de Paus. Acondicionada num corpo com apenas um metro e cinquenta e sete de altura e cabelo louro liso que secava sem frisar em julho, Libby, com os seus 19 anos, nascera para mandar. Tinha dominado a Escola Secundária de Gladstone com um pompom de ferro como capitã das *cheerleaders*, e a sua clique seguira-a até à UMass.

Ao lado de Libby, encontrava-se Emily, a gémea de AJ, o Ás de Copas. Emily tinha cabelo louro fino, um sentido de humor irreverente e um amor profundo e duradouro por Shania Twain. Também tinha síndrome de Down e um dom para revelar o que há de melhor nas outras pessoas — até mesmo em Libby.

Por último, encontrava-se Mike, o Valete de Espadas de perfil. Magro e perspicaz, com cabelo escuro que só podia ser fruto de um gene recessivo, Mike, de 15 anos, vivia para o *Super Mario*, *Dungeons & Dragons* e *Astronauticals*.

Era também aquele que mais facilmente irritava o pai.

E, como seria de esperar, assim que os sete começaram a passar entre si as travessas e as tigelas, ouviu-se um chilrear de debaixo da mesa. Jack Graves fixou o olhar na direção do som.

— Mike, é melhor que isso não seja o que eu penso que é — murmurou ele. Mike ignorou-o e continuou a jogar.

Uma vez por semana, os dois discutiam por causa de Mike jogar à mesa. AJ sentia-se sempre frustrada com isso. Ela também era *nerd*. Não tão *nerd* como Mike, mas suficientemente *nerd* para o acompanhar *ocasionalmente* às reuniões da Sociedade de Ficção Científica dos Berkshires. No entanto, ela conseguia, de alguma forma, integrar-se, ser apreciada e não provocar o pai como se fosse essa a sua função. Então, porque é que Mike não conseguia?

O Game Boy dele emitiu um *bip-bop*.

AJ deu ao irmão um encontrão debaixo da mesa, com um olho no pai. Ela *tinha* de aliviar a tensão. As suas próximas palavras saíram-lhe da boca sem que as conseguisse travar:

— Qual é a cena com o Noah Drew?

— O que é que isso te interessa? — perguntou Libby, com os instintos predatórios ativados.

AJ encolheu os ombros quando todos os olhos se voltavam para ela. *Merda para isto*, estaria ela a *corar*?

— Ele começou a trabalhar na Reel World hoje.

Mike soltou uma risadinha.

— Ele está a trabalhar num clube de vídeo? — perguntou ele sem tirar os olhos do jogo. — Isso não é o mesmo que arranjar um emprego a puxar o lustro aos retratos da própria família?

— Nunca pensei que ele precisasse de um emprego — disse a mãe de AJ a fungar, inclinando a sua bonita cabeça loura.

Katie Graves era uma versão mais velha de Libby, uma antiga capitã das *cheerleaders* que se apaixonara pelo pai de AJ na UMass enquanto ele, tal como Patrick, jogava como base titular. Ela tornara-se a professora do segundo ano mais querida da cidade, enquanto ele se tornara um atuariário de sucesso, embora num patamar modesto.

À primeira vista, eram perfeitamente normais.

Libby encolheu os ombros, com ar de quem sabe tudo.

— Provavelmente foi o único emprego que ele conseguiu arranjar depois do que aconteceu. Todos sabemos que a Storm não se importa com pessoas esquisitas: temos aqui o exemplo perfeito. — Ela acenou com a cabeça para AJ, que lhe mostrou o dedo do meio.

Emily endireitou-se um bocadinho, entediada com uma conversa que não a incluía.

— Posso comer a sobremesa?

Blip-blop.

— Mike — disse o pai, em tom de advertência. AJ deu a Mike uma joelhada mais forte.

— Só um segundo — sussurrou ele.

AJ olhou para o pai, um ás das cartas. Quanto mais bebia, mais calado ficava, atento aos sinais, à espera de atacar. Tinha uma capacidade singular de humilhar as pessoas com um olhar ou uma palavra. Os seus ataques de fúria, embora raros, eram aterradores — o suficiente para manter a família na linha.

Na maior parte dos casos.

O Game Boy de Mike emitiu uma rajada de tiros.

— Mike. — O pai deles bateu com a lata na mesa com um baque oco.

Por um instante, ficaram todos paralisados.

Depois, Patrick inclinou o corpo para esconder Mike do campo de visão.

— Pensava que o Noah estava a dar-se melhor — disse ele rapidamente. — Ouvi dizer que ele entrou em West Point. Espero que seja verdade. Ele era tão inteligente que até assustava.

— Suficientemente inteligente para sair da cidade depois de ter pegado fogo à garagem dos Sherwins — acrescentou Libby, enquanto o olhar severo do pai se voltava novamente para Patrick.

— Dos Sherwins? Isso não pode ser verdade — disse AJ, apenas meio consciente do que estava a dizer. Os três já tinham prática nisto, em fazer truques numa mesa que o pai deles acabara de incendiar.

Os olhos de Libby arregalaram-se.

— Estás a *defendê-lo*? — Ela arfou. — Meu Deus, Age. Tu gostas dele!

Merda.

— Por acaso, não gosto.

Mike finalmente desligou o jogo enquanto Libby cantarolava:

— Malta. A *Jayde* anda à *caça*.

Vários conjuntos de incisivos brancos, parecidos com presas, brilharam à volta da mesa — uma característica da família.

O rosto de AJ estava em brasa. Há dezassete anos, num acesso de pura loucura, os pais dela tinham-lhe dado o nome de Ashlee Jayde, o nome mais rasca e horrível de toda uma família de pessoas com nomes banais. Quando os irmãos queriam fazer com que AJ desejasse a morte, traziam à tona *Jayde*, o seu alter ego de *stripper*. Para AJ, que nunca fora beijada e se sentia *muito* atrasada, isso era mais do que humilhante.

— Ui-ui — disse Patrick.

— Ui-ui — papagueou Emily.

O pai deles lançou um sorriso trocista à camisola desbotada de AJ e ao seu cabelo desgrenhado.

— Realmente, sabes vender a imagem.

Ele nem precisou de se rir para que AJ soubesse que se estava a rir dela, do absurdo de ela alguma vez poder ser considerada atraente

por alguém. Como se AJ já não soubesse que, ao lado da minúscula e perfeita Libby, ela era um marreta ruivo e desproporcionado. O peito de AJ apertou-se, mas ela recusou-se a sequer pestanejar.

— Mais vale ter-se boa aparência do que sentir-se bem — disse ela secamente, fazendo referência a uma antiga piada de Billy Crystal no *SNL*.

O pai dela fez que sim com a cabeça e, em seguida, bebeu o resto da cerveja de um só trago, satisfeito.

Pois AJ era o jóquer. O humor era a sua armadura e também o seu colete de forças; AJ não tinha voz, a menos que a usasse para aliviar o clima. Sempre fora assim, tanto em casa como na escola: ela era a coadjuvante, o alívio cômico.

E, graças ao seu acidente, sê-lo-ia sempre.

— Posso comer sobremesa, *por favor*? — perguntou Emily, desta vez mais alto.

— Sim, acho que é uma boa ideia — disse Katie Graves, aproveitando a oportunidade para levantar a mesa.

Como qualquer bom *croupier*, a mãe via tudo e não dizia nada.

*

Noah Drew trabalhava quase exclusivamente na sala das traseiras, mas isso não importava. A sua presença manchava tudo: a capacidade de AJ para relaxar, a sua liberdade de se movimentar sem ser julgada. Ver *Astronauticals* na sua presença parecia-lhe quebrar a etiqueta. O mesmo se passava em relação a escrever *fanfiction* inspirada num dos seus familiares.

O que AJ morria de vontade de saber era *porquê*? *Porque é que* ele estava ali? *Porque é que* alguém que fazia parte da realeza de Hollywood precisava de um emprego merdoso a meio-tempo? E, acima de tudo, *porquê este*?

Ao contrário da parte colorida da loja virada para os clientes, a zona das traseiras era uma catacumba monocromática, uma biblioteca de caixas brancas de DVD empilhadas por ordem alfabética. Ao longo de várias idas à casa de banho, AJ constatou que, quando Noah não estava a arrumar o *stock*, estava sentado num banco a ver documentários

de Ken Burns no televisor sobresselente da loja, ou a ler, ou simplesmente a olhar pensativamente para o vazio.

AJ tinha quase a certeza de que o detestava, apenas com base no seu mau humor sombrio e permanente. Mas confirmou isso no dia em que foi às traseiras buscar *A Difícil Arte de Amar* para um cliente e o encontrou estendido no chão a ler *À Espera de Godot*.

Tão pretensioso. AJ sorriu para si mesma enquanto se dirigia para a fila seguinte.

— Sim? — disse Noah. A voz dele parecia rouca, como se não a tivesse usado o dia todo.

AJ encolheu os ombros, assumindo uma expressão neutra.

— Nada.

— Estás com um sorriso de gozo.

AJ apontou com a cabeça na direção do livro que ele tinha nas mãos.

— É que nunca vi ninguém oferecer-se para ler *À Espera de Godot*.

Noah olhou para ela.

— O *Godot* é um clássico.

— Pois — disse AJ, virando-se.

— Já o leste? — O tom dele irritou-a imediatamente: era óbvio que ele estava a assumir que ela não o tinha lido.

— Já — disse AJ. Tecnicamente, tinha visto a versão para a televisão de 1961, com Zero Mostel e Burgess Meredith, enquanto trabalhava na loja, mas ia dar ao mesmo.

— E então? — perguntou Noah, sondando-a com os seus olhos escuros.

AJ cravou os calcanhares no tapete.

— Acho que o Sam Beckett só estava a gozar à custa de toda a gente. Sinceramente. Se uma mulher escrevesse uma peça tão demorada sobre esperar que um tipo ligasse, dir-lhe-iam simplesmente para arranjar um atendedor de chamadas.

Noah resfolegou.

— É nisso que estás a trabalhar lá fora?

AJ sentiu um sobressalto e lá estava ela outra vez, aquela consciência avassaladora. *Dele*.

— Na verdade, é um texto sobre fogo posto. Queres comentar?

As narinas de Noah dilataram-se, mas ele desviou o olhar para o livro.

AJ afastou-se, a fumar. Sim, ela detestava-o.

*

AJ, Becky e Sarah tinham sido a linha de meio-campo titular da Escola Secundária de Gladstone durante dois anos. Eram conhecidas como as *Powerpuff Girls* devido às cores dos seus cabelos e, naquele verão, o plano delas era arrasar no estágio intensivo de futebol da Universidade de Brown.

— Ah, Blossom. Ainda não consigo acreditar que não vais — disse Sarah, pondo o seu saco de viagem na carrinha da mãe de Becky.

— Vamos falar de ti a todos os olheiros — disse Becky. Sarah deu-lhe uma cotovelada nas costelas.

— Espera, não vão levar um cartão com a minha imagem em tamanho real? — brincou AJ para esconder as lágrimas.

Para a animar, Patrick e Libby levaram-na a uma festa em casa de alguém da UMass nessa noite.

— Pequena Graves! Onde está a tua equipa? — perguntou Brendan Walsh, inclinando o barril de cerveja para encher o copo de plástico de AJ.

— A combater o crime — disse AJ. Ela conseguia sentir Patrick preocupado com ela do outro lado do jardim, por isso obrigou-se a sorrir perante as imitações de *South Park* feitas por Walsh. Quando tentou perguntar como era o ambiente da UMass no que toca à comédia, ele não percebeu.

— Não sabia que as raparigas faziam isso. É de loucos. — Depois, com a voz do Cartman, perguntou se AJ achava que ele tinha alguma hipótese com Libby. AJ disse-lhe que talvez.

Enquanto a festa descambava à sua volta, AJ segurou no braço partido, tentando, sem sucesso, não pensar em Becky e em Sarah na Brown. Tão perto. Tinha estado *tão perto, foda-se*, de conseguir sair dali.

Na manhã seguinte, quando um cliente requisitou o *Alien: O Oitavo Passageiro*, AJ dirigiu-se à sala das traseiras para o ir buscar sozinha.

Tecnicamente, devia ter pedido ajuda a Noah, mas estava tão farta de não conseguir fazer as coisas por causa daquele braço estúpido, e pedir ajuda a Noah «o *Godot* é um clássico» Drew, que não precisava deste emprego e podia sair de Gladstone quando quisesse, estava para lá de inaceitável.

Infelizmente, *Alien* encontrava-se na última prateleira de cima.

Sem fazer barulho, AJ subiu para duas prateleiras inferiores da estante em frente, ficando com o corpo suspenso entre as duas estantes como uma ponte levadiça. A caixa de *Alien* continuava a estar ligeiramente fora do seu alcance. Quando AJ se pôs em bicos de pés, sentiu o degrau que suportava a sua perna direita ceder.

Merda.

— Que raio estás a fazer? — perguntou Noah, furioso.

AJ sobressaltou-se ao som da voz dele; o pé direito deslizou cerca de quinze centímetros e a mão saudável fechou-se instintivamente enquanto ela se virava. Teve uma fração de segundo para perceber que estava prestes a cair em cima do braço partido.

Depois, sentiu uma presença quente e sólida atrás de si, duas mãos enormes nas suas costelas. Num movimento hábil, Noah apanhou-a, puxando-a contra o seu peito para lhe proteger o braço ferido do impacto. Conforme as suas pernas balançavam para fora das prateleiras, a face de AJ roçou a linha áspera do queixo dele, e um arrepio percorreu-lhe o corpo. De perto, ele cheirava *bem*: a lavado, a doce e a terra.

Por um instante, ele amparou-lhe o corpo contra o seu, e ela deixou, como se a imponente quase monumental dele lhe tivesse provocado um curto-circuito no cérebro. Atordoada, AJ ergueu os olhos e encontrou-o a fitá-la com uma expressão de surpresa. Passaram-se vários segundos enquanto se entreolharam, com os pés de AJ cerca de quinze centímetros acima do chão.

Então, abruptamente, Noah pousou-a no chão.

— Não devias fazer isso — repreendeu-a ele, dando um passo para trás.

Que lata.

— Eu teria ficado bem, se não me tivesses assustado — retorquiu AJ.

Os olhos de Noah lançaram um olhar duvidoso para o degrau agora dobrado onde ela estivera empoleirada.

— Do que precisas?

AJ mordeu o interior da bochecha.

— Do *Alien*.

Noah tirou-o sem esforço da prateleira e entregou-o a AJ.

— Da próxima vez, vem buscar-me. Ou vai buscar um banco.

— Sim, claro — disse AJ.

Noah lançou-lhe um olhar fulminante e afastou-se a passos largos.

Na viagem seguinte de AJ até à sala das traseiras, um banco esperava-a com um bilhete rabiscado numa letra apertada. *SE É PARA FAZER, QUE SE FAÇA BEM FEITO*.

A mão que tinha escrito aquilo deixara-lhe nódoas negras nas costas; AJ conseguia senti-las através da T-shirt.

Que *idiota*.

*

No dia seguinte, quando AJ chegou ao trabalho, deu por si maravilhosamente sozinha.

Estava na altura de fazer *multitasking*. AJ digitou o seu nome de utilizador, NautiGurl421, e a palavra-passe em fanfiction.net e selecionou o oitavo episódio da primeira temporada de *Astronauticals*, «A Maldição dos Gemini». Quando a cassette ganhou vida, com o som ainda trémulo, surgiu na imagem um elegante homem na casa dos 30, com o seu volumoso cabelo afro.

Era a lenda da comédia Ezell Farr, o pai do teatro de improviso. *Astronauticals* tinha sido a sua única incursão na televisão, e tanto os fãs de ficção científica como os entusiastas da comédia acorriam ao programa para estudar a interpretação de Ezell no papel de comandante Winslow Shoe.

«Gemini» foi o maior feito de Ezell. O episódio continha algumas das falas preferidas de AJ — falas tão boas que não parecia possível que tivessem sido improvisadas. Havia um padrão naquela dinâmica: os atores *davam* as deixas uns aos outros. AJ estava determinada a descobrir como funcionava. Ela carregou no botão de rebobinar, atenta ao ecrã com os olhos semicerrados.

— Toca-a outra vez, Sam — disse uma voz grave atrás dela. AJ virou-se rapidamente e viu Noah a atravessar a cortina de contas. Evidentemente, ele *estava* a trabalhar hoje.

AJ desligou imediatamente o televisor e, em seguida, o monitor.

— Essa não é uma fala verdadeira. — Virou-se de costas para ele, com as faces em brasa. — No *Casablanca*. Ele diz apenas «Toca-a.»

— Fica registado — disse Noah. Os seus olhos desviaram-se para o televisor apagado, divertidos.

— Com que então, gostas dos *Astronauticals*.

— *Obviamente*. — Ela estava furiosa. — E se tens algum problema com isso, podes voltar a pôr-te a olhar para o abismo. — Ela apontou com a cabeça na direção da sala das traseiras.

As narinas de Noah dilataram-se.

— Isso não é... — Ele respirou fundo. — Eu...

Ele passou para trás do balcão a passos firmes, elevando-se muito acima dela. AJ recusou-se a sair do caminho. O coração dela disparou quando ele a encarou com frustração. Depois, suavemente, ele tirou-lhe o comando da mão.

— Tens de recuar mais. — Ele rebobinou a gravação até ao início da cena.

— O que estás a...

— Estás a tentar perceber como é que eles conseguem justificar as falas, não é? — disse ele, apontando com a cabeça para o ecrã. — Ele anuncia o jogo exatamente... aqui.

No ecrã, Ezell Farr afirmava:

— Tudo o que sei sobre o amor, aprendi numa velha quinta espacial.

AJ pestanejou.

— Como é que isso é um jogo?

Noah carregou na pausa.

— Jogo é o que os improvisadores chamam ao esqueleto de uma cena — explicou ele. — Este jogo é a «quinta espacial». O resto da cena desenvolve-se a partir daí. Vê lá.

Viram a sequência outra vez e ele tinha razão — todas as falas que AJ achava hilariantes partiam dessa ideia inicial. Foi como se ele lhe tivesse mostrado um raio-X do episódio.

Quando Noah lhe ofereceu o comando, AJ olhou para ele com admiração.

— Adoro os *Astronauticals* — disse ele timidamente. — Costumava ver com o Zell, mas a minha tia deitou fora todas as nossas cassetes depois de ele morrer.

Certo. Porque Eudora Drew e Ezell Farr tinham sido um casal na vida real, tal como no ecrã. Ezell Farr era o tio-avô de Noah.

— Foi exatamente por isso que vim para a Reel World — continuou Noah. — O *Nauticals* é basicamente a única coisa que consigo ver desde que... — Ele interrompeu-se, provavelmente percebendo, tal como AJ, que tinha falado mais naquela última exalação do que em todo o tempo desde que se tinham conhecido. — Seja como for, diverte-te.

O coração de AJ continuava a bater descompassado quando ele se encaminhou para a sala das traseiras, com os ombros largos erguidos até às orelhas. Ela respirou fundo.

— Queres acabar de ver este episódio?

Noah deteve-se, virando-se para trás. O seu olhar percorreu-a, hesitante.

— Tens a certeza?

AJ encolheu os ombros.

— Não vais citar agressivamente todas as falas, pois não?

Os olhos de Noah animaram-se.

— Não, mas vou dizer «Esta parte é engraçada», mesmo antes de alguém dizer alguma coisa engraçada.

AJ riu-se e Noah *sorriu abertamente*. Ela nunca o tinha visto sorrir, e isso transformou-lhe todo o rosto. Transformou toda a cidade. AJ deu-se conta de que estava especada a olhar para ele e rapidamente se ocupou a procurar a outra cadeira dobrável para lhe dar.

Era evidente que Noah adorava o programa tanto quanto ela e conhecia-o ainda melhor. Embora não citasse as falas, foi partilhando discretamente curiosidades enquanto viam o episódio. Repetidamente, os dois desatavam a rir nas mesmas partes. O riso de Noah — profundo, rico e, por vezes, algo infantil — fazia AJ rir ainda mais.

Quando o episódio acabou, ele voltou para a sala das traseiras. AJ ficou imóvel durante vários minutos. Depois, curiosa, abriu a sua

fanfiction mais recente. Ficou a olhar para ela durante muito tempo, a tentar perceber os vários momentos. Ainda não eram bem um jogo... por enquanto.

AJ clicou em editar, determinada a escrever uma piada. Apenas *uma* piada tão engraçada como as de *Astronauticals*.

*

A Sociedade de Ficção Científica dos Berkshires reunia-se na cave de uma igreja metodista que também funcionava como jardim de infância. Enquanto AJ estava sentada num círculo de *nerds*, encaixada entre Mike e Noah Drew, olhou para uma pintura feita com os dedos e perguntou-se como é que isto se tinha tornado a sua vida.

Tinha passado cerca de uma semana desde que ela e Noah tinham descoberto o seu amor mútuo por *Astronauticals* e os dois tinham iniciado uma amizade hesitante. Tinham visto mais alguns episódios e trocado algumas piadas de passagem, embora ele continuasse a ficar na parte de trás da loja e ela na da frente.

Isso mudara no dia anterior, quando o irmão mais novo de AJ aparecera para apresentar uma queixa.

— O Pat já não me pode levar à reunião da SFCB — disse Mike, lançando um olhar ressentido ao gesso. — Acho que nem o Rick nem o Jamie vão ficar contentes.

— Lamento muito que o meu braço partido ofenda os teus amigos — disse AJ.

— É só porque é mesmo irritante, AJ — disse Mike. — Eu disse-lhes que ia lá estar.

— Estar onde? — perguntou Noah, aparecendo por entre a cortina de contas.

Mike, que tinha cerca de um terço do tamanho de Noah, calou-se imediatamente.

AJ riu-se.

— Calma, ele é um *nautical* — disse ela, e depois resumiu a situação em que se encontravam.

Noah franziu o sobrolho.

— A que horas é?

— Às seis e meia — disse Mike, abatido. — Bem, às sete oficialmente, mas às seis e meia para o círculo mais fechado.

— Eu posso levar-vos — disse Noah, olhando hesitante de Mike para AJ, que percebeu que ele pensava que ela pertencia à SFCB. Era verdade que ela lá ia *ocasionalmente*, mas não era membro de pleno direito.

— Oh, isso...

Os olhos de Mike abriram-se tanto que pareciam saídos de um desenho animado, implorando-lhe que não estragasse tudo. Na verdade, AJ gostava das reuniões da SFCB. E a ideia de passar tempo com Noah fora do local de trabalho não lhe desagradava, mesmo que este fórum fosse decididamente *nerd*. Ela corou.

— Obrigada. Isso seria ótimo.

— Ótimo! — disse Mike.

— Ótimo — disse Noah.

Naquela tarde, tinham-se todos amontoado no *Camaro* vermelho de Noah e partido em direção a Pittsfield.

— O que é isto? — perguntou Mike do banco de trás, rodeado por uma dúzia de pacotes castanhos de vários tamanhos e feitios, todos com a indicação *Devolver ao remetente*.

Noah franziu o sobrolho.

— A minha tia tem um vício mal controlado pela Home Shopping Network.

— A tua tia é a Glimmette, não é? — perguntou Mike.

— É.

— É bom saber.

Quando chegaram ao parque de estacionamento, Mike já tinha assumido a expressão de quem estava pronto para entrar em ação.

— Não esperem cá favores só porque estão comigo — disse ele, caminhando à frente. Ele e Libby eram tão parecidos: no seu próprio território, Mike era o alfa. Tinha algo que ver com o facto de ser um prodígio do D&D.

— Entendido, Mestre da Masmorra — disse AJ, trocando sorrisos com Noah enquanto seguiam Mike para dentro do edifício.

O presidente da SFCB, Peter van der Hopper, tinha cerca de 40 anos e parecia um professor universitário, só que empunhava um *bat'leth* klingon em vez de um ponteiro.

— Que bom voltar a ver tantos de vocês. Ah, olá, irmã do Mike! — Acenou para AJ, que se encolheu dez centímetros quando o olhar dele passou por ela e se fixou em Noah. — E alguns rostos novos. Bem, temos uma ordem de trabalhos muito preenchida hoje, por isso vamos tentar não nos deixarmos envolver demasiado nas polémicas que andam pelos fóruns.

Tarde demais. O conflito já tinha eclodido entre os *trekkies* e os *nauticals*.

— Pela última vez — disse um rapaz com uma t-shirt do Gumby. — *O Star Trek* não roubou a ideia de uma baleia espacial aos *Astronauticals*.

— Primeiro — disse Mike com sarcasmo —, o termo não é *baleia espacial*. É *baleia das crateras*, ou *craleia*. Segundo, roubaram à grande. O Gomtuu na *Nova Geração*? Estás a gozar.

Enquanto a discussão se acirrava, AJ reparou que vários membros da SFCB estavam a olhar para as suas pernas. À exceção de uma mulher muito mais velha com um corte de cabelo à rapazinho, AJ era a única rapariga na sala.

Depois, os olhares pararam. AJ demorou alguns minutos a perceber que isso acontecera porque Noah tinha posto o braço levemente sobre o encosto da sua cadeira. Ele não lhe estava a tocar — provavelmente estava só a esticar-se. Mas foi o suficiente para afugentar todos os *nerds* naquela sala.

— Acalmem-se lá, pessoal — disse Peter van der Hopper. — A Comic-Con de Springfield está à porta. Vamos realizar mais um leilão de cartas Magic; um grande obrigado a todos os que participaram no ano passado. E, como alguns de vocês sabem, é o trigésimo quinto aniversário de *Astronauticals*. O nosso painel está quase completo, mas adoráramos ter alguém do elenco original. Escrevi ao Elmore Aldrich. É uma aposta arriscada, porque ele está em Los Angeles, mas continua bastante ativo.

— Então e a Eudora Drew? — perguntou um homem com uma t-shirt do Han Solo. — Ela mora aqui.

Atrás de AJ, o braço de Noah ficou tenso.

— Ela nunca respondeu quando a contactei para o trigésimo aniversário, mas talvez valha a pena tentar outra vez — disse Peter van der Hopper, remexendo nos seus papéis.

— Podias perguntar-lhe — disse Mike, voltando-se diretamente para Noah.

Todos os olhos se viraram para Noah, contemplando o seu perfil alongado, o cabelo e os olhos escuros, a beleza absurda. Dado o contexto, era fácil reconhecê-lo como o filho de Daniel Drew.

— Mike — sibilou AJ, sentindo o sangue subir-lhe ao rosto. Não se atreveu a olhar para Noah. Eudora tornara-se cada vez mais reclusa após a morte de Ezell em 1993, o pedido de Mike era extremamente inadequado.

— O que foi? — disse Mike, encolhendo os ombros. — Disseste que ele é um *nautical*.

Noah pigarreou.

— Nós podemos perguntar-lhe — disse ele, lançando um olhar AJ. O coração dela deu um salto.

— Espera, a sério? — disse Mike, esboçando um sorriso que deixava ver as presas. — Não pensei que fosse resultar.

— Nós podemos perguntar — repetiu Noah.

— Bem, está bem, então — disse Peter van der Hopper, incapaz de esconder a nota de entusiasmo na voz. — Também precisamos de voluntários para trabalhar no balcão dos registos no domingo.

À medida que a conversa prosseguia, o coração de AJ continuava a bater um pouco mais forte do que o habitual.

Nós, dissera ele.

*

A vinte minutos do centro de Gladstone, a Casa Drew era uma mansão da Era Dourada em tons de creme, o refúgio de campo de várias gerações da famosa família Drew. Quando o *Camaro* de Noah entrou no grande caminho de acesso circular, a adrenalina de AJ disparou.

Ela quase conhecera Eudora Drew uma vez, no concurso de máscaras de Halloween da Escola Primária de Gladstone. A grande senhora tinha aceitado fazer parte do júri.

No entanto, quando AJ, aos 10 anos, ganhou com a fantasia de Pipi das Meias Altas, Eudora Drew não se encontrava em lado algum. Em vez disso, AJ recebeu um cartão-presente da Baskin-Robbins das mãos de

um aluno do ensino secundário com uma máscara de Jason, que era tão assustadora que AJ acabou aos berros à frente da escola toda. As pessoas *ainda* lhe chamavam Pipi dos *Berros Altos*.

AJ estremeceu com a memória, enquanto Noah a conduzia por baixo do pórtico. Ele hesitou.

— Não é g...

— Não te atrevas a dizer *Não é grande coisa* — replicou AJ.

Noah abafou uma gargalhada.

A pesada porta de carvalho abriu-se para o interior, revelando um vestíbulo de teto abobadado, com uma imponente escadaria curva que conduzia a uma galeria, um enorme lustre de cristal e um relógio de pé alto com mais de dois metros de altura.

AJ engoliu em seco.

— Não admira que sejas tão pontual.

— Aquela coisa é uma seca do caraças — resmungou Noah, conduzindo-a para dentro. — Tem de se lhe dar corda tipo uma vez por dia.

Naquele momento, foram abordados por cinco cachorrinhos cujas patas deslizavam pelo mármore preto e branco.

— Mas como é que vocês conseguiram sair? — murmurou Noah, franzindo o sobrolho enquanto dois deles lhe puxavam os atacadores.

— Pensei que lhes faria bem uma mudança de ares.

Cum caraças. Era ela.

Eudora Drew desceu as escadas com um ar etéreo, envergando uma camisola macia de caxemira cinzenta, e AJ teve meio segundo para assimilar que Glimmette já estava na casa dos 70. Ela sabia, claro, que Eudora Drew tinha tido uma carreira brilhante após *Astronauticals*, conquistando vários prémios Tony, um Emmy e uma nomeação para os Óscares.

Mas o penteado armado cor de pêssego e as botas go-go haviam desaparecido. A senhora elegante que entrou no vestíbulo fazia lembrar mais Katharine Hepburn do que Glimmette, com o seu coque francês louro-platinado a resplandecer à luz da tarde.

— *Hortense*, anda — disse ela com voz solene, e AJ voltou a perceber que aquela pessoa era verdadeiramente *famosa*.

Nesse momento, um Cavalier King Charles cor de caramelo saiu da sala de estar aos pulinhos, parando ao lado de Eudora para que o coçasse atrás das orelhas.

— Lambisgoia negligente — murmurou Eudora enquanto *Hortense* seguia vagarosamente atrás da sua prole.

— Dorie, esta é AJ — disse Noah, num tom seco.

— Eu sou... sim. Olá. Prazer em conhecê-la.

Os olhos escuros e inteligentes da grande atriz deslizaram para os calções de ganga rasgados e o casaco de malha herdado que AJ trazia vestidos.

— Trabalhamos juntos — acrescentou AJ após uma pausa. — Na Reel World.

Eudora inclinou a cabeça.

— Na verdade, és bastante bonita, por baixo de toda essa aparência desgrenhada. *Leonina*. Uma Charlotte Rampling em jovem. São os olhos fundos. E a cana do nariz larga.

AJ corou perante essa avaliação.

— Hum... obrigada.

Noah pôs as mãos nas ancas, com uma expressão severa.

— Vimos trazer uma mensagem da Sociedade de Ficção Científica dos Berkshires. E um convite.

Numas quantas frases curtas, ele descreveu o painel.

— É no fim de semana do Dia do Trabalhador — concluiu com brusquidão.

— Ficaríamos muito gratos se pensasse no assunto — acrescentou AJ, irritada por Noah não se ter esforçado mais para promover o evento. — A propósito, sou uma grande fã. Adorei-a a si e ao Ezell em *Astronauticals*.

Os olhos de Eudora Drew soltaram uma faísca.

— *Astronauticals*. — Ela pronunciou cada sílaba com desdém. — Nunca compreendi como é que uma série que parece um vídeo caseiro de vão de escada conseguiu gerar uma legião de seguidores. Claro, são todos um bando de malucos de primeira. Talvez isso explique tudo.

O comentário tocou-lhe num ponto sensível.

— Quero dizer, não é Shakespeare — disse AJ. — Mas isso não significa que seja mau.

A expressão da grande atriz tornou-se felina.

— E o que é que sabes *tu* sobre Shakespeare?

As faces de AJ arderam.

— Já li *Romeu e Julieta*.

— Ah, bem, *então*...

— *Dorie* — advertiu Noah. Ele pigarreou. — O painel.

Os olhos de Eudora passaram de um para o outro, avaliando a situação. Parecia impossível que aquela mulher, aparentemente desprovida de sentido de humor, tivesse dito algumas das melhores tiradas de sempre. Ainda assim, AJ susteve a respiração; daria muito para ouvir, em primeira mão, as opiniões de Eudora sobre a sua série preferida.

Por fim, Eudora disse:

— Vou pensar no assunto. Se vocês considerarem uma coisa em troca.

Noah engoliu em seco.

— O quê?

Eudora ignorou-o, concentrando-se em AJ.

— Gostaria que lesse uma coisa para mim.

Noah revirou os olhos.

— Anda, AJ — disse ele. — Vamos embora.

— Ler o quê? — perguntou AJ, incapaz de recuar perante o desafio que lhe lançava o olhar de Eudora.

Os olhos dela brilharam.

— Oh, uma coisa com que estás familiarizada.

Ela entrou a passos largos na sala de visitas, deixando AJ e Noah a ter uma rápida conversa não verbal. Ele abanou a cabeça em sinal de aviso e AJ encolheu os ombros, seguindo Eudora. Ele juntou-se a elas enquanto Eudora retirava dois volumes esfarrapados da estante que ia do chão ao teto.

— Toma — disse ela, depositando um exemplar de *Romeu e Julieta* nas mãos de AJ, aberto no segundo ato, segunda cena. A célebre cena da varanda transportou AJ de volta ao 8.º ano: vozes rachadas e mãos suadas.

O outro exemplar foi para Noah. *Cum caraças*. Eudora queria que eles lessem aquilo. *Juntos*.

Noah deu uma olhadela à cena e abanou a cabeça.

— Nem pensar.

— É só uma cena — disse Eudora. — Tendo em conta o que me estão a pedir, isto não é *nada*.

Noah já estava farto.

— Não vamos fazer isto.

Ele fechou o livro e dirigiu-se para a porta.

— Espera — disse AJ, sem desviar os olhos de Eudora. — Se lermos isto, participa no painel?

— Vou pensar nisso — disse Eudora com um sorriso à gato Cheshire.

AJ susteve-lhe o olhar. Era evidente que Eudora Drew estava a gozar com ela. No entanto, AJ não conseguia deixar de pensar na frase mais famosa do seu alter ego, Glimmette: «Nunca desistas. Nunca recues.»

AJ endireitou os ombros.

— Noah, vamos lá despachar isto. Demora cinco minutos.

Os olhos de Noah pareciam perturbados quando se entreolharam.

— *Não* era assim que eu queria que isto corresse.

— Aproveita o momento, querido Noah — disse Eudora com entusiasmo. — A vida nunca corre conforme o planeado.

Noah lançou um olhar fulminante à sua tia-avó. Depois, para surpresa de AJ, voltou a entrar na sala.

Postaram-se frente a frente no tapete desbotado, com a luz da tarde a entrar pelas janelas. Eudora acomodou-se delicadamente num cadeirão branco.

— Noah, começa quando estiveres pronto.

Noah pigarreou. Franziu o sobrolho enquanto lia a página na diagonal. AJ sentiu o lábio a tremer, antecipando vê-lo a ler as falas de Romeu com aquela sua voz entediada e seca.

No entanto, quando Noah ergueu os olhos, a sua expressão sardónica tinha desaparecido, tendo sido substituída por um anseio sincero que ela achou desconcertante, porque não parecia, de todo, exagerado; parecia real. Estaria Noah a representar? Ou estaria ele realmente a olhar para ela daquela forma?

— *Mas, silêncio! Que luz é aquela que rompe da janela?*

Foda-se, foda-se, *foda-se*.

De alguma forma, até aquele momento, AJ tinha conseguido ignorar o facto de Noah ter um século de *pedigree* de representação enraizado nele. Evidentemente, ele também tinha aprendido uma ou duas lições ao longo dos anos, porque ou estava apaixonado por ela, ou era mesmo estupidamente bom.

Os olhos dele voltaram-se para AJ.

— *É a minha senhora. Oh, é o meu amor* — disse ele. — *Oh, se ela soubesse que o é!*

Aquelas palavras desarmaram AJ. Nunca vira Noah tão aberto, tão... vulnerável. Ela podia rir-se dele, troçar dele, transformar tudo aquilo numa piada. Pensando bem, ele próprio podia tê-lo feito — mas não fez. Escolhera mostrar-se como era, mostrar do que era capaz. Pusera-se nas mãos dela.

Ele confiava nela.

AJ sentiu-a então, sentiu Julieta, ali mesmo. Não estavam assim tão distantes no que tocava à juventude e à inexperiência — embora Julieta não tivesse um coro de irmãos prontos para a provocar.

AJ sentiu uma vibração junto ao esterno e percebeu uma coisa: também confiava em Noah. Aquela percepção que tinha dele, aquela consciência intensificada da sua presença, puxava agora por ela, como se sempre tivesse servido para *isto*.

AJ despiu a armadura e vestiu a pele de Julieta como quem enverga um robe de seda.

— *Ai de mim*.

Desapareceram então, substituídos pelos amantes mais intemporais do mundo. Os papéis passaram de um intérprete para o outro, verso a verso, como sempre tinham passado e sempre passariam. E, quando todas as palavras haviam sido ditas e todos os sentimentos haviam sido vividos, voltaram a recolher-se às margens do livro.

Durante um instante, AJ e Noah permaneceram banhados pela luz dourada da tarde, enquanto os ecos passavam entre eles.

Ó, vais deixar-me assim tão insatisfeita?

Que satisfação poderás ter esta noite?

O olhar de Noah era inquisitivo. Ambos respiravam com alguma dificuldade.

No salão, o relógio de pé alto bateu as quatro horas.

— Ora, ora — disse Eudora.

A voz dela trouxe AJ de volta à realidade. Ela pestanejou rapidamente e deu um passo para trás. Sentia-se zozza, desorientada. Quando AJ olhou novamente para Noah, o rosto dele já estava fechado.

Os olhos dele estavam cravados na tia.

— Então? — exigiu ele. AJ viu o músculo da mandíbula dele a ficar tenso.

— Eu vou — disse Eudora. — Se concordarem trabalhar comigo. Os dois.

O rosto de Noah não revelava qualquer expressão, enquanto os olhos perfuravam os de Eudora. AJ sentiu-se eufórica. Tinham conseguido! Glimette iria participar no painel.

Foi então que se deu conta.

— Espere, não está a dizer que... — Ela ergueu o exemplar da peça.

Eudora fez que sim com a cabeça.

— Estou a ficar velha. Está na altura de transmitir aquilo que sei. Aquilo que o Ezell sabia.

De repente, AJ não conseguia respirar. O que quer que tivesse acabado de acontecer tinha sido um acidente, uma aberração. Ela tinha praticamente desaparecido.

A sala imensa parecia agora oprimi-la. Ao contemplar o ambiente luxuoso que a rodeava, AJ percebeu quão longe se encontrava de tudo o que conhecia.

Não era Julieta. Era AJ Graves, que vivia numa casa de dois pisos desencontrados mais abaixo, na encosta. A única pretensão dos pais à fama era terem ambos ficado em segundo lugar na eleição do rei e da rainha do baile de finalistas.

AJ não pertencia *aqui*.

— Acabei de me lembrar — disse ela, com voz fraca. — Tenho de voltar para a cidade.

— Eu levo-te de carro — disse Noah.

— Não — disse AJ, sem conseguir olhá-lo nos olhos. — Eu vou a pé.

— Pensem nisso — disse Eudora.

AJ passou por Noah de raspão ao sair da sala, mal se apercebendo dos cachorrinhos que lhe roçavam os tornozelos. Quando irrompeu para a luz da tarde, só tinha um pensamento: pôr a maior distância possível entre si e a Casa Drew.

*

Felizmente, AJ não tinha de trabalhar no dia seguinte. Ao pequeno-almoço, ficou a olhar para o prato, atordoada de alívio por não ter de enfrentar Noah depois de ter saído daquela maneira da Casa Drew.

Sempre que AJ fechava os olhos, tudo o que conseguia ver eram os dois Drews a observá-la a entrar em pânico.

Ainda não tinha tocado na torrada quando a mãe a chamou para a lavandaria.

— Já que estás por casa, podes levar a Emily ao parque enquanto eu vou às compras?

AJ emitiu um som de discordância no fundo da garganta.

— Ou podias tratar disto — disse a mãe.

A velha máquina de lavar roupa chocalhava de forma ameaçadora.

O parque ficava mesmo à saída do centro da cidade, logo a seguir à cadeia de supermercados local, os Big Y. AJ sentiu-se novamente com 7 anos quando a mãe as deixou à entrada.

Eram as únicas duas pessoas naquele espaço. AJ destrancou o portão e Emily foi direita à estrutura de trepar.

— Age! — gritou ela do topo do escorrega. — Oh, meu Deus, vamos praticar. — Ela girou no mesmo sítio, sorrindo, e AJ percebeu o que ela queria dizer.

— Ah, queres fazer a peça? — perguntou ela.

Emily fez que sim com a cabeça. Era a única pessoa a quem AJ tinha contado sobre a sua visita à Casa Drew. Apenas os pontos importantes: rapaz, rapariga, varanda. Tinha omitido a parte sobre ter fugido aterrorizada.

AJ demorou-se a aclarar a garganta.

— Ah, lá está ela, a minha linda Julieta — parafraseou com uma voz falsa de barítono. Emily sorriu ao ouvir aquelas palavras. — Oh, fala, anjo resplandecente!

UM AMOR QUE NUNCA DEVERIA TER ACONTECIDO. E UMA HISTÓRIA QUE NUNCA SERÁ ESQUECIDA.

No verão de 2000, aos 17 anos, AJ Graves acalenta o sonho de ir viver para Nova Iorque e escrever para o *Saturday Night Live*. Enquanto isso não acontece, trabalha num clube de vídeo na sua pequena cidade natal, onde aproveita para escrever *fanfiction* inspirada em *Astronauticals*, uma série de ficção científica de culto dos anos 60.

Certo dia, entra-lhe pela porta Noah Drew, o enigmático herdeiro de uma conhecida família de atores, e, embora ainda não o saiba, a sua vida muda para sempre. Apesar de virem de meios diferentes, AJ e Noah desenvolvem uma ligação muito forte, primeiro como amigos e depois como parceiros nas aulas de representação. Até que, sem qualquer explicação, Noah desaparece.

Sete anos depois, já em Nova Iorque, AJ é inesperadamente selecionada para participar numa nova série, na qual se reencontra com Noah, com quem tinha perdido todo o contacto. A cada dia de filmagem, as suas personagens no ecrã tornam-se mais próximas, e os limites que separam a ficção da realidade começam a esbater-se.

AJ e Noah veem-se obrigados a confrontar-se com o que os separou no passado e que agora ameaça fazê-los seguir em direções opostas... mesmo que o destino e a arte continuem a aproximá-los.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook YouTube Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-596-324-9



9 789895 963249